

ESTRATIFICAÇÕES SOCIAIS NA ÁFRICA ANTIGA: DESEMPENHOS E ESTAGNAÇÕES.

Benjamin Diouf¹

Resumo

As sociedades africanas tiveram organizações que evoluíram e se mantiveram a despeito do tempo que nos separa da Antiguidade. Entre elas, temos as castas, que são, para alguns, um absurdo que é preciso abandonar sem procurar entendê-las. No entanto, elas podem nos esclarecer sobre o funcionamento de nossa sociedade e sua evolução. As castas são uma estratificação social estabelecida e baseada nas atividades profissionais, nos ofícios. Foi no antigo Egito que elas foram profissionalizadas e herdadas. Ao longo do tempo, a religião e a lei começam a intervir no sistema de castas para nelas introduzir a endogamia, a hierarquia e o desprezo tal observamos hoje entre algumas etnias africanas.

Palavras-chave

Castas; classes sociais; estratificações sociais; organizações sociais; hierarquia; endogamia; antigo Egito; fundamento sociopolítico; religioso; jurídico.

¹ Professor Assistente titular – Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar, Dakar, Senegal. E-mail: benjdiouf067@yahoo.fr

Abstract

African societies have had organizations that have evolved and remained steady despite the period of time that separates us from antiquity. Among these, we have the castes which are, for some, an absurdity that must be abandoned without trying to understand them. Yet, these can enlighten us as to the functioning of our society and its evolution. Castes are a social stratification established on the basis of professional activities and trades. It is in ancient Egypt that they will become professional and inherit. Over time, religion and law will intervene in the caste system to introduce endogamy, hierarchy and contempt as we can see it today, in some African ethnic groups.

Keywords

Castes; social classes; social stratification; social organizations; hierarchy; endogamy; ancient Egypt; socio-political; religious; legal foundation.

Estratificações sociais na África antiga: desempenhos e estagnações.

Introdução

As sociedades africanas, a exemplo de todas as outras, passaram, por organizações que evoluíram e conseguiram se manter, a despeito do tempo que nos separa da Antiguidade. De fato, algumas crenças e relações sociais, podem ser comparadas àquelas que antigamente eram mantidas na antiguidade pelo Egito, Líbia ou Etiópia. Elas continuam ainda em grande parte a reger o comportamento de alguns africanos. Consciente ou inconscientemente, eles as perpetuam. Entre os elementos herdados do passado que permanecem em nossas vidas, temos as castas. Pelo estrangeiro que se depara com uma organização social diferente da sua, elas são vistas como uma prática ultrajante para a dignidade humana e que impede o desenvolvimento econômico de alguns membros de nossas sociedades. Desse ponto de vista, elas são um absurdo que é preciso abandonar sem procurar compreendê-las. Porém, as castas podem nos fornecer informações importantes sobre o funcionamento de nossa sociedade e sua evolução. Por isso, vamos inicialmente tentar entender definir o sentido da palavra casta; em seguida, tentaremos mostrar o fundamento das castas, finalmente, examinaremos as relações entre as castas.

I- Casta: uma palavra de sentido equivocado

Muitos pesquisadores que em seus trabalhos se interessaram pelas castas experimentaram a dificuldade em dar à palavra casta um sentido que permitisse abranger a quintessência, qualquer que fosse a sociedade estudada. A título ilustrativo, vejamos a primeira definição que Louis Dumont, estudioso do sistema de casta na Índia, dá a essa palavra:

O sistema de castas divide o conjunto da sociedade em um grande número de grupos hereditários distinguidos e ligados por três caracteres: separação em matéria de casamento e de contato direto ou indireto (alimento); divisão do trabalho, com cada um dos grupos tendo uma profissão tradicional ou teórica da qual seus membros somente podem se afastar dentro de certos limites; e enfim, hierarquia, que ordena os grupos como relativamente superiores e inferiores uns aos outros.² (Dumont, 1966: 36)

² L. Dumont retoma aqui a definição de Célestin Bouglé in *Essais sur le régime des castes* (1908), 1927, p. 4.

Essa acepção da palavra casta não é inteiramente compartilhada por pesquisadores como Abdoulaye Bara Diop, que revela:

As castas podem ser empiricamente qualificadas sem dificuldade; os autores, em seu conjunto, concordam sobre suas principais características aparentes, facilmente notadas. São consideradas, geralmente, como grupos hereditários, endogâmicos, de especialização profissional, mantendo relações de tipo hierárquico. Mas quando as interpretações consistem em definir a noção de casta, em comparar as castas às outras formas de estratificações sociais, o problema se complica e aparecem divergências.³ (Diop, 1985 : 27)

Partindo da origem da palavra casta e de algumas definições, formularemos nosso ponto de vista sobre sua acepção. A palavra casta é de origem latina; ela vem de *castus*, que significa casto, puro. Também do latim provém igualmente a palavra portuguesa casta, que quer dizer puro, sem mistura. Podemos então dizer que a palavra nos remete a fatos religiosos ou práticas religiosas, como deixam entender seus diferentes significados e como consideram alguns? Não pensamos que seja obrigatoriamente o caso. A pureza não é um apanágio exclusivo da religião. A noção de pureza pode remeter ao estado de um corpo que não foi alterado por um outro. Nesse caso então a palavra latina *castus* pode muito bem ter o sentido de sem mistura, ordenado. É isso que nos leva a considerar, antes de tudo, a casta como uma organização bem definida que não conhece nem admite em seu interior nenhuma desordem. Aliás, é dentro dessa lógica que empregamos a palavra casta em sentido figurado para designar uma classe ou um grupo fechado da sociedade.

Além do mais, no âmbito africano, é extremamente difícil fazer a distinção entre casta e classe social. Entendemos por classe social uma outra divisão da sociedade, como indica sua etimologia latina, *classis*. Casta e classe social se sobrepõem e confundem às vezes. Na sociedade wolof (etnia do Senegal), por exemplo, os *geer* podem formar tanto uma casta quanto uma classe social. Então, essas palavras podem designar uma única e mesma coisa. Foi o que entenderam os redatores do dicionário da Academia Francesa, que definem a palavra casta como “cada uma das classes da sociedade no antigo Egito, na Índia e em alguns outros países”. O emprego de casta para designar as classes sociais na

³ Nessa obra dedicada às castas na sociedade wolof Abdoulaye B. Diop não concorda com a indução de L. Dumont que parte do único caso hindu para caracterizar todas as castas. Para L. Dumont, as castas têm como base a pureza e a impureza, o que não é válido para todas as castas à imagem daquelas dos Wolofs que Abdoulaye B. Diop trata em sua obra.

África ou na Índia pode muito bem ter sido feito pelo estrangeiro europeu que, diante de uma organização social diferente da sua, tenha querido chamá-la de outra forma a fim de ilustrar essa particularidade. Isso fica ainda mais plausível porque os europeus conheceram tardiamente as castas, cuja existência muitas vezes eles limitam à Índia, como mostra a definição do dicionário francês Littré: “cada uma das tribos nas quais a sociedade da Índia é dividida. Há quatro castas: os religiosos, os guerreiros, os comerciantes, os agricultores as pessoas de condição servil; em sânscrito, brâmanes, xátria, vaixás e shûdra,” A observação contida nesse mesmo dicionário revela mais ainda esse desconhecimento do que seja a casta na Europa: “casta, que não consta nem no Furetière, nem no Richelet (dicionários do século XVII que se anteciparam ao da Academia – N. do T.), só aparece no dicionário da Academia a partir de 1740.” Quando os Europeus entraram em contato com os africanos, essa estratificação social a que eles chamaram casta, já havia se modificado a ponto de tornar difícil retratar sua origem e sua evolução. Contudo, uma leitura dos autores antigos contempla a ideia de que as castas, tal como as chamamos hoje em dia, não são mais que o resultado de uma simples organização da sociedade em diferentes classes produtivas. Heródoto o demonstra claramente:

Há sete classes de Egípcios, às quais chamamos sacerdotes, guerreiros, criadores de gado bovino, criadores de suínos, mercadores, intérpretes e pilotos condutores de barcos. Esse é o número de classes no Egito, e suas denominações vêm das profissões exercidas. (Heródoto, 1989: 164)

Consideramos então que as castas são uma estratificação social, à imagem daquelas conhecidas na Europa. São baseadas nas atividades profissionais, nos ofícios. Partiremos, portanto dos textos antigos para melhor entender os fundamentos e as evoluções.

II- Os fundamentos das castas

a- O fundamento sociopolítico

As sociedades africanas, a exemplo de todas as outras conheceram no passado formas de organização peculiares. De um lado, a organização social se manifesta no interior da própria família, onde cada membro tinha um papel bem determinado a desempenhar para o bem de todos.

As tarefas eram atribuídas em função da idade, da capacidade física, moral, mas também do sexo. Por outro lado, no âmbito mais amplo da

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.4, n.1 - 2019.1. p. 230-246
DOI: 10.34024/herodoto.2019.v4.10118

tribo ou da etnia, encontramos igualmente uma distribuição de papéis. A única diferença é que o membro de uma família pode desempenhar outro papel dentro do clã, da tribo ou da etnia. Isso se explica pelo fato de que o membro mais velho da família não é obrigatoriamente o mais velho da tribo. Cada uma dessas entidades tem à frente um chefe que zela pela execução do trabalho atribuído a cada um. Essa forma de organização determinava também as relações entre os diferentes membros da família ou da tribo.

Por outro lado, foi essa organização social que favoreceu o desenvolvimento da economia agrícola na África antiga. Nesse período em que os campos eram comunitários, era preciso uma boa organização do trabalho para que se pudesse esperar uma boa colheita. Assim, a cada período das plantações, havia indivíduos colocados para capinar, outros para lavrar e outros para semear a terra. Durante o tempo do labor, tudo se desenvolvia em sinergia, da preparação do campo à sementeira, passando pela eliminação das ervas daninhas, pela colheita, até o encaminhamento da safra para os centros. Mas é preciso constatar que essa organização social é anterior ao início da agricultura. Ela tem sua origem longínqua do período da caça e da extração. Nessa época, a caça com lanças ou arcos era reservada aos mais resistentes nas corridas e aos mais hábeis em lançar. Os outros membros da tribo ou do clã se repartiam entre o transporte da bagagem (armas, caças...), a preparação do fogo, o cozimento e outros encargos.

Essa organização social no trabalho, se consolidaria e melhoraria com o aparecimento das primeiras estruturas estatais. Os povos africanos, assim como todos os outros povos, viviam em comunidades para as quais a exigência de uma harmonia social impunha uma organização política. Os homens sentiram a necessidade de ter à frente alguém para manter a ordem social, para garantir a prosperidade e a defesa comunitária. Foi assim que elegeram dirigentes chamados de reis; e o conjunto de toda a comunidade constituía o reino. A respeito da escolha dos reis, eis o que escreveu Diodoro da Sicília:

Quanto à realeza alguns a colocavam nas mãos dos homens mais bonitos, considerando que a beleza e o poder monárquico fossem ambos dons do destino; outros confiavam o poder àqueles que melhor cuidavam de seus rebanhos, com o pensamento de que somente eles cuidariam perfeitamente de seus súditos; outros ainda atribuíam essa honra aos mais ricos, considerando que apenas estes podiam proteger o povo, por causa da facilidade que lhes dava sua fortuna; e havia finalmente

os que escolhiam para reis aqueles que se faziam notar por sua coragem, julgando que os mais capazes na guerra são os únicos dignos de estar à frente. ⁴ (Sicile, 1989: 4)

O rei governava assistido por um conselho de sábios. No início, seu poder não era absoluto e suas decisões eram orientadas no sentido do interesse comum. Quando sobreveio a passagem de uma economia agrícola para uma economia monetária, ditada pelas trocas comerciais com o exterior, o rei do Egito teve de tomar essa decisão, revelada a nós por Heródoto:

Há sete classes de Egípcios, às quais chamamos de religiosos, guerreiros, criadores de bois, criadores de porcos, mercadores, intérpretes e pilotos (de barcos). Esse é o número de classes no Egito, e suas denominações provêm das profissões exercidas. Os que dentre eles formam a classe dos guerreiros são chamados Calasiries e Hermotybies... A eles não era permitido exercerem nenhum outro ofício senão o da guerra, no qual os filhos sucediam aos pais.⁵ (Hérodote, 1989: 164, 166)

Essa divisão do Egito em diferentes classes, onde cada uma remete a um ofício preciso, parece ser uma consolidação e uma adaptação da divisão do trabalho, conhecida desde a etapa dos clãs, diante das mutações históricas. As trocas comerciais com o mundo grego, por exemplo, eram muito desenvolvidas e envolviam diversos produtos. Era preciso produzir diferentes artigos a fim de garantir a prosperidade econômica do Egito e ao mesmo tempo a segurança interna e externa do reino. Para tanto, uma profissionalização do povo egípcio era necessária; o que os faraós entenderam ao proceder a essa distribuição das tarefas. Assim, cada corporação de ofício se aperfeiçoava em sua área e tinha total serenidade para executar seu trabalho. A título ilustrativo, o mercador podia comercializar ao longo do dia sem se preocupar com o tratamento dos animais.

Em suma, as informações fornecidas por Heródoto são muito preciosas para compreender as castas. Elas nos ensinam, por um lado, que o que nós chamamos hoje de castas na África é uma divisão do trabalho consolidada e aperfeiçoada por uma decisão política que iria semear os germes da profissionalização e da hereditariedade do ofício.

Por outro lado, elas nos informam que no início não havia critérios de superioridade ou de inferioridade definidos entre pessoas das diferentes

⁴ A escolha do rei é uma manifestação da igualdade de todos os membros da comunidade à despeito das funções exercidas por uns e outros. Nenhum critério discriminatório era estabelecido para afastar um membro de alguma outra função.

⁵ Os pilotos eram marinheiros que governavam os barcos mercantes, os Calasiries seriam soldados da infantaria mercenária núbia e os Hermotybies os condutores de carros de combate.

profissões. Isso é confirmado por este relato: “No início, havia uma divisão do trabalho social com a separação dos ofícios da agricultura sem ideia de hierarquia alguma. Era um fenômeno como o que vemos ainda em nossos dias, nas províncias de floresta do sul (Casamansa, Baulê, etc.)”. (Diop, 1985 : 43)

Entretanto, Heródoto nada diz sobre os corpos de ofícios importantes no antigo Egito, como o dos cultivadores. Essa omissão nos leva a visitar os escritos de Diodoro da Sicília que, anos depois de Heródoto, nota o seguinte, a respeito das classes egípcias:

O comum dos habitantes é dividido em três classes: os lavradores, os pastores e os artesãos. Os lavradores ocupam por um tempo, a preço módico, as terras do rei ou dos religiosos, ou, ainda, dos soldados e dedicam todo o seu tempo a cultivá-las. Tendo nascido nesse meio eles sabem mais sobre agricultura do que os nascidos em outros. Conhecem perfeitamente a natureza das terras, o regime das cheias do Nilo, a estação adequada às sementeiras, às colheitas e aos transportes dos gêneros, seja pelas instruções que receberam de seus pais, seja por sua própria experiência. O mesmo acontece com os pastores, que receberam de seus pais, por herança, o conhecimento de tudo o que concerne os rebanhos, e o cultivaram através do hábito, e muitas vezes, ainda, inventam novas maneiras de aumentar os proveitos que se podem tirar das criações. O que eles têm de mais particular é que os criadores de aves encontram, através de sua dedicação e prática, formas de fazê-las se multiplicar muito diferentes dos meios comuns estabelecidos pela natureza para isso. Em vez de deixar que os ovos sejam chocados pelas próprias aves que os botaram, eles têm a paciência de fazer isso aquecendo-os em suas mãos. Assim, eles aceleram ao trabalho da natureza e aumentam consideravelmente suas produções. Mas nada é mais admirável que a utilidade e a perfeição das artes exercidas pelos Egípcios. É o único país do mundo onde as pessoas nascidas dentro de uma profissão, uma vez a tendo recebido por lei, não a abandonam jamais para exercer outra atividade, de modo que nem os ciúmes domésticos, nem suas ambições particulares, nunca as retirarão da profissão paterna ⁶. (Sicile, 1737: 114)

Os relatos de Diodoro confirmam não somente os critérios de hereditariedade na transmissão dos ofícios, mas também nos ensinam que as profissões não eram atribuídas ao acaso. A cada um era atribuído, na origem, o ofício para o qual ele tinha uma predisposição natural. Enquanto isso, as classes sociais, que serão chamadas de castas na posteridade, resultaram exatamente de uma divisão do trabalho com

⁶ Comparadas, as três classes de Diodoro e as sete classes de Heródoto nos revelam que uma classe podia comportar vários ofícios ou se subdividir em sub-classes em função da diferença de profissão. Os criadores de gado e os de porcos citados por Heródoto formam a classe dos pastores de Diodoro. Da mesma forma, a classe dos artesãos da qual fala Diodoro dá origem a outras sub-classes, como a dos barbeiros, segundo Babacar Diop, dito Buuba, em seu livro *Propos d'un Africain sur l'Antiquité, Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.4, n.1 - 2019.1. p. 230-246*
DOI: 10.34024/herodoto.2019.v4.10118

fundamento sociopolítico. Elas vão se manter em muitas sociedades africanas, sobretudo na África Ocidental, onde elas existem entre os Wolofs, os Peulhs, os Senoufo, os Maures...

O fundamento sociopolítico das castas se manifestou quando do nascimento da casta dos griôs, que seria originária do Mali. Os griôs formam a grande casta dos que vivem da palavra. Entre eles temos os compositores, os músicos, os cantores e os panegiristas. A casta foi criada pelo rei do império do Mali Soundjata Keita depois de sua vitória sobre o rei dos Sossos, Sumanguru Kanté. Segundo Tal Tamari, citado por Gilles Holder (Holder, 1999: 236), Sunjata havia atribuído aos líderes sosso a função de conselheiros, depois, de intermediários e, em seguida, de mestres de cerimônia e enviados. Eles formaram assim a casta dos griôs.

Em suma, podemos fechar esse primeiro ponto entendendo que o primeiro fundamento das castas é sociopolítico; com o que concorda plenamente o estudioso senegalês Cheikh Anta Diop, que escreveu:

O sistema nasceu de uma divisão do trabalho mas sob um regime político avançado, monárquico, pois nunca se encontram castas sem nobreza. Entretanto, é muito provável que a especialização no trabalho, que resultou na hereditariedade do ofício no sistema de castas em escala familiar e individual, tenha sido elaborado a partir da organização em clãs. (Diop, 1960: 11)

Porém, esse critério profissional unicamente não consegue explicar hoje as outras características das castas como a hereditariedade, a endogamia e a hierarquia. Para compreender melhor as castas, precisamos começar a observar seu estado presente a fim de ver como outros fatores, como o religioso, contribuíram no passado, e mesmo ainda em nossos dias, para sua manutenção e legitimação.

b- O fundamento religioso

As castas se originaram na divisão do trabalho dentro da sociedade a partir de sua organização em clãs e foram refinadas no antigo Egito pelos Faraós. Estes haviam dividido a sociedade em diferentes classes, formando as corporações de ofícios e zelavam rigorosamente por sua manutenção. A medida mestra tomada na época pelos Faraós, a fim de fazer respeitar e perpetuar essa divisão social, favoreceu a instauração da hereditariedade. Daí em diante, o ofício passou a ser hereditário. Para evitar que os ambiciosos ou invejosos mudassem de profissão a seu bel prazer, a lei egípcia previu sanções. Voltaremos a esse ponto mais à *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.4, n.1 - 2019.1. p. 230-246
DOI: 10.34024/herodoto.2019.v4.10118

frente. No início, portanto, foi o temor da autoridade que favoreceu a sobrevida das classes profissionais, que se transformaram em castas, no Egito antigo. Isso é compreensível quando se sabe que o Faraó tinha direito de vida e morte sobre seus súditos.

Mas, nós consideramos que uma simples racionalidade humana não basta para perpetuar, durante séculos, uma estratificação social como essa, que deve ter seguramente descontentado muita gente. E de fato, houve pessoas desdenhosas da profissão que haviam herdado e que queriam mudar de classe ou de categoria social a qualquer preço. Esses precisavam mais que uma sanção pecuniária ou algumas chicotadas para frear seus ardores. Para esses, era necessário um mito, um mistério que inspirasse grande medo e horror para que nunca mais pensassem em mudar de classe ou a acolher na sua categoria alguém pertencente a outra. Um fundamento desses somente poderia vir da religião. Num dado momento da evolução das classes, e provavelmente desde o Egito faraônico, os homens tiveram de recorrer à religião a fim de legitimar e assegurar a permanência da divisão social baseada nas profissões. A religião tinha um imenso poder no Egito. Ela ritmava a vida dos Egípcios e determinava sua conduta. O sagrado era venerado e ninguém ousava infringir as leis divinas. Isso era ideal para consolidar e até mesmo fornecer um outro fundamento às castas. Por sinal, foi a religião que ajudou em muito a estabelecer o poder do Faraó. Este era considerado como o filho do deus-Sol, Rá. Por isso ele era o mestre do universo para o povo, o que explica seu direito de vida e morte sobre todos os seres vivos.

Foi a religião que consagrou a hierarquia entre as classes baseada na noção de puro e impuro que favoreceu a endogamia. Partindo de um simples desejo de manter a existência das classes, ela selaria definitivamente sua fixidez, sua firmeza e sua hierarquia. É por essa razão que ela parece, aos olhos de muitos modernos, como o fundamento principal das castas.

É isso que justifica plenamente, a partir do século XVII, a apelação de castas ao que antes não era senão simples classe profissional. Isso não escapou ao olhar agudo de L. Dumont (Dumont, 1966: 103) que, sempre partindo do sistema varna em seu estudo das castas na Índia, baseia as castas na oposição entre puro e impuro.

Melhor, essa noção de puro e impuro trazida como critério para as castas pela religião, tem um duplo impacto no sistema. Por um lado, ela é aplicada à profissão exercida, que pode ser considerada como pura ou

impura⁷ pelos membros de uma outra classe. Os ofícios do artesanato são julgados impuros e, logo, indignos por aqueles que pertencem às castas superiores, como a dos intelectuais, dos guerreiros e dos religiosos. São assim considerados pelos efeitos degradantes sobre o corpo humano ou por causa dos produtos trabalhados. É assim que a subcasta wolof dos sapateiros é desconsiderada, até mesmo desprezada pelos *geer*, por causa dos couros em putrefação que ela manipulava. O odor de pestilência, na qual os sapateiros tinham que se molhar, impregnava seus seres e levava os outros a mantê-los afastados. Em suma, todos os trabalhos manuais, com exceção da agricultura, são qualificados de impuros pelas sociedades onde existem castas.

Por outro lado, no sistema de castas, a pureza ou a impureza pode estar ligada a um julgamento racial apoiado pela religião tradicional. Em todas as sociedades africanas, aqueles que pertencem às castas superiores, formadas na maior parte por intelectuais, religiosos, guerreiros e agricultores, creem em sua superioridade racial sobre os outros. Eles se consideram originários de um sangue puro, que não foi maculado. E atribuem aos outros origens pouco gloriosas, que levariam à maldição qualquer pessoa que se unisse a eles. Essa rejeição às castas inferiores, nas crenças populares, tem uma justificação divina. Por exemplo, entre os *guélwar* sereer (etnia do Senegal), alguns atribuem a inferioridade racial dos griôs à sua origem servil, outros a uma punição divina de seu ancestral decaído por incesto. Tal pensamento, ou crença, que justificam pela vontade dos deuses, explica os tratamentos que eram reservados aos griôs no círculo dos sereer, como ilustra esta passagem:

Seus corpos envenenariam os grãos e os frutos, pretendem os outros negros, e envenenariam também a água e os peixes; então, eles não são nem enterrados, nem lançados ao mar ou aos rios. Os griôs, além disso, acredita-se, vivem num intercâmbio familiar com o diabo, e essa crença contribui para proibir a eles o acesso aos locais comuns de sepultura⁸. (Raffenel, 1846: 19)

Para os *guélwar* sereer, como para os outros membros das castas superiores na África, a união com um homem ou uma mulher de casta inferior não pode ser deixada impune pelos deuses. Os faltosos sofre sempre um catástrofe física ou econômica. Ele também é desprezado por seus próximos, pelos pais e até pelos membros das outras castas que julgam seu sangue sujo.

⁷ . Puro e impuro devem ser entendidos aqui no sentido de nobre e de plebeu.

⁸ A sepultura dos griôs eram os troncos ocos dos baobás onde seus corpos eram suspensos em estrados antes de fecharem a abertura, que só seria reaberta para receber um novo corpo.

Assim, a religião tradicional contribuiu para a manutenção das castas e favoreceu a endogamia. Assim como o fundamento sociopolítico, ela desempenhou um papel muito importante no sistema de castas. Como se faz, então, o equilíbrio? Qual a parte da ideologia e a da instituição jurídica?

c- O fundamento jurídico

A legislação das sociedades africanas durante a Antiguidade é mal conhecida. As leis que regiam as relações dentro da sociedade nem sempre eram escritas. Elas eram orais na maior parte dos grupos sociais. Por isso muitas não sobreviveram ao tempo. Sofreram modificações durante sua transmissão ou desapareceram no esquecimento total diante das reviravoltas sociais causadas pelo contato com os estrangeiros. No antigo Egito, onde os homens deixaram muitos vestígios escritos, algumas leis chegaram a nós graças aos autores gregos como Heródoto e Diodoro da Sicília. Aliás, é este último que nos diz que a lei egípcia participou da formação e da conservação das castas. A esse respeito, ele escreveu:

Vê-se frequentemente entre outros povos que os jovens, por ligeireza de espírito ou por vontade de ganhar mais, rejeitam a profissão de seus pais ou se aplicam a diversas coisas ao mesmo tempo... Mas entre os Egípcios se algum artesão se imiscuir nos negócios de estado, deixar sua profissão para adotar uma outra ou quiser exercer mais de uma atividade, ele é severamente punido.⁹ (Sicile, XXV)

Fica então claro que a lei, no passado, serviu como fundamento para o surgimento das classes sociais, mais tarde, castas. Era assim porque em muitas sociedades antigas a decisão do rei geralmente se tornava lei. O rei tinha um poder absoluto que fazia dele um legislador. Nesse caso específico, teria sido interessante conhecer a explanação dos motivos dessa lei egípcia referente às classes, mas isso não é abordado por Diodoro. Contudo, a sanção infligida aos que abandonavam sua classe está contida neste texto:

⁹ Diodore de Sicile, *Bibliothèque historique* I, section seconde, XXV.
Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.4, n.1 - 2019.1. p. 230-246
DOI: 10.34024/herodoto.2019.v4.10118

Em quarto lugar, era exigido a todos os Egípcios declarar seu nome, sua profissão e sua renda aos magistrados, e eram condenados à morte os que dessem uma falsa declaração ou que praticassem uma profissão ilícita.¹⁰ (Id, XXVIII)

A severidade dessa pena fez da lei uma agente maior na elaboração e na permanência das castas que ela havia assim legitimado. Podemos então considerar que a justiça, assim como a política e a religião, foi um elemento básico das castas na África. Esses três princípios nos fornecem informações preciosas sobre as castas, mas não nos fazem compreender seu funcionamento. Por essa razão, na próxima parte de nosso trabalho, vamos tratar da relação entre as castas.

III- As relações entre as castas

As castas africanas surgiram, como todas as outras na realidade, da divisão do trabalho. Sua origem deixa pressagiar relações intensas na sociedade. Tendo se voltado para a agricultura, os homens logo perceberam a necessidade de dividir suas tarefas; o que conduziu progressivamente a uma especialização, o que se acentuaria com os intercâmbios tanto internos quanto externos. Havia uma interdependência das várias classes sociais ou castas. Nenhuma podia viver sem o concurso da outra. Era uma complementaridade que tornava cada uma delas indispensável para o bem estar da comunidade. Examinando as diferentes classes do Egito antigo, das quais nos falaram Heródoto e Diodoro da Sicília, isso é facilmente percebido. Com Heródoto, descobrimos que os religiosos se ocupavam da educação moral, ensinando aos cidadãos os princípios da religião baseados no conhecimento do bem e do mal; os intelectuais transmitiam o conhecimento científico; os guerreiros garantiam a segurança de todos e a gestão da cidade, e nisso constavam o rei e os serviços em geral; os mercadores promoviam a prosperidade econômica. O papel de cada uma dessas classes era importante para a cidade. Bastava suprimir uma delas para que o caos se instalasse. Essa complementaridade fica mais aparente na relação entre artesãos, agricultores e guerreiros. Sem os primeiros, que fabricavam os instrumentos agrícolas e as armas, os segundos ficariam no desamparo. Tampouco os artesãos podiam existir sem os camponeses e

¹⁰ Id. ; *ibid.* ; XXVII. A pena capital infligida ao contraventor contrasta com o que disse Diodoro na primeira citação: “Ele era severamente punido”. Entretanto, pensamos que era exatamente a pena de morte que era aplicada para evitar o desmoronamento do sistema de castas.

os soldados, que são quem lhes proporcionava os alimentos e a segurança.

Para garantir a ordem e o equilíbrio social, uma determinada quantidade de produção era atribuída aos camponeses e artesãos. Um fiscal de produção se assegurava de que estes produzissem mais a fim de favorecer a prosperidade econômica do país. O povo todo tinha em grande estima os artesãos, cuja arte e amor pelo ofício maravilhavam muita gente. É por esse motivo que os faraós zelavam para que nada faltasse aos artesãos, como ilustra este trecho:

Para vocês, os celeiros estarão sempre cheios de trigo... ; cada um de vocês terá provisões para um mês. Também completei os armazéns com todo tipo de coisas, pães, carnes, bolos a fim de protegê-los (da fome), sandálias, roupas e unguentos variados... Também coloquei um pessoal para servir às suas necessidades: pescadores trarão peixes, outros, os hortelãos, plantarão legumes; oleiros trabalharão para fabricar jarros, assim, vocês terão água fresca durante o verão... (Obenga, 1990: 452)

Enfim, as castas eram baseadas numa troca de serviços e de bens, e todos os seus membros tinham igual dignidade. Cada membro de uma casta era consciente dos vínculos que tinham com os outros e os levavam em consideração. Entretanto, com o advento da monarquia e com os contatos externos, a desigualdade se instalava progressivamente entre as castas. Vai se assistir então a uma hierarquização entre elas. Essa hierarquia das castas deve ser entendida neste sentido dado por L. Dumont: "Princípio de gradação dos elementos de um conjunto em relação ao conjunto." (Dumont, 1996: 92).

A hierarquia das castas africanas tem uma dupla origem. Ela provém primeiro do confisco do poder pelos detentores de autoridade de onde provieram os reis. Estes vão se impor a todos pela força e considerar os outros como seus súditos. Conscientes do papel que a religião e a educação desempenham na sociedade, eles vão atribuir aos intelectuais o segundo lugar na hierarquia.

Mesmo que os faraós tenham sido conscientes do poder dos religiosos na sociedade, nem por isso não ignoravam o poder dos homens de letras, ciências e técnicas. Eles sabiam muito bem da importância da educação, que era a chave da grandeza moral do homem e a base do desenvolvimento econômico do país. Foi por essa razão que colocaram os intelectuais nas primeiras fileiras da sociedade para orientar as vias do desenvolvimento e guiar o povo no bom caminho. Os escribas ocupavam iminentes funções na administração, tinham numerosas vantagens e eram

admirados por todos. Todos queriam ter um filho escriba, pois essa era a profissão mais prestigiosa às margens do Nilo.

As outras castas se sucederam em função da importância de seu ofício para o povo central. Assim, os religiosos e os soldados estavam entre os privilegiados da sociedade egípcia, como destaca Heródoto: “Diferentemente de todos os outros Egípcios, com exceção dos religiosos, os guerreiros tinham vantagens especiais: a cada um eram atribuídas doze aruras de terra, livres de impostos.” (Heródoto, 1989: 168).

Nessa hierarquia das castas, o último lugar é, em quase todas as sociedades africanas, ocupado pelos artesãos por causa de seu ofício que exigia esforços físicos penosos e a manipulação de produtos incômodos ou sujos. Esse desdém pelas profissões manuais, exceto a agricultura, é assim manifestado nos ensinamentos de Khéti:

Eu vi o metalúrgico no trabalho, na boca de sua fornalha. Seus dedos são como a pele de um crocodilo, ele cheira pior que as desovas de peixe. O marceneiro que maneja a plaina fica ainda mais cansado que o camponês. Seu campo é a madeira e sua enxada é a broca. No fim do dia ele está extenuado, pois trabalhou além de suas forças e, à noite, ainda há luz em sua casa. Os que talham as pedras trabalham com o cinzel em todo tipo de pedra dura. Ao terminar seu trabalho, seus braços o abandonam, ele não aguenta mais nada. Quando ao cair da tarde ele se senta, seus joelhos e suas costas estão quebrados. O oleiro mergulha no barro. Depois de queimar seus vasos ele está mais sujo que um porco. Suas roupas endurecem com o barro. O calor que sai do forno passa em seu rosto. Ele pisa o barro com seus pés e se desgasta nessa tarefa. O pedreiro que constrói está sempre exposto ao vento. Ele trabalha vestido com uma simples tanga, e seus braços se sujam no barro que mancha também toda sua roupa. E ele tem que comer seu pão com as mãos sujas. O tecelão vive em sua oficina, e lá fica em mais desconforto que uma mulher no parto, com os joelhos dobrados contra a barriga, quase sufocado. Se ele ficar um dia sem tecer, recebe cinquenta chicotadas, e deve pagar uma gorjeta a seu oleiro para poder sair ao ar livre. O sapateiro ou o curtidor de couro, cujo destino é bem miserável, carrega o tempo todo suas cubas de curtir as peles. Leva uma vida como a de quem vive entre cadáveres. Tudo o que come tem gosto de couro.¹¹ (Obenga, 1946: 487).

Em seguida, a outra origem da hierarquia é racial. A ideologia de uma raça pura que não deve se misturar com as outras alimentou um grande sentimento de superioridade no sistema de castas. Aqueles que detinham a força sempre consideraram os outros provindos de um nascimento

¹¹ Esse longo trecho, que data da XII^a dinastia egípcia, é uma explanação de um pai, Khéti, que procura mostrar a seu filho Pépi, que ele conduz a seu primeiro dia de aula, o desprezo que os Egípcios têm pelos ofícios manuais e à ressaltar a importância dos estudos que aparecem como a única fonte de desenvolvimento material e social. Heródoto também destacou esse desprezo pelos ofícios manuais em *Histoires II*, 164-166. **Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.4, n.1 - 2019.1. p. 230-246**
DOI: 10.34024/herodoto.2019.v4.10118

inferior, atingidos por uma maldição ou condenados a uma servidão. Essa consideração racial, que justifica a hierarquia das castas, explica a endogamia. A. B. Diop destaca isso muito bem nestes termos: “A endogamia é consequência lógica direta da ideologia de castas, da qual notamos o caráter biológico, fazendo delas como que raças diferentes e hierarquizadas.” (Diop, 1981: 65)

Finalmente, a hierarquização das castas levou ao desprezo dos ofícios e dos homens. As castas superiores julgam as profissões manuais, com exceção da agricultura, indignos de um homem livre, evitando aqueles que as praticam e considerando-os como párias. Os membros das castas inferiores se casam entre si e seu acesso a certos locais é limitado. São acusados de todos os males e afastados da gestão do poder.

Considerações finais

As castas resultam de uma divisão da sociedade em diferentes classes ou categorias sociais. Ela tiveram primeiramente uma base sociopolítica que lhes permitiu se manterem e se adaptarem às exigências da época. É com a preocupação de perenizá-las que os homens vão em seguida lhes dar uma base religiosa e jurídica. A religião, sobretudo, vai consolidar as castas, acrescentando a seu caráter hereditário a endogamia e a hierarquia. A importância desses dois últimos fatores no interior do sistema de castas leva muitas vezes os pesquisadores acreditarem que elas teriam uma origem religiosa. Acrescente-se ainda que as relações entre as castas são ditadas por considerações religiosas. O desprezo e a restrição dos contatos entre pessoas de castas diferentes são alimentadas por ideologias raciais justificadas pela religião. Isso ainda é observável em várias sociedades africanas onde as castas subsistem.

Entretanto, é importante notar, hoje, que o sistema de castas tende a desaparecer. A economia monetária suprimiu a dependência entre as castas. Em muitas sociedades, o poder financeiro, e às vezes mesmo político, é detido por pessoas de castas antes consideradas inferiores. As ideologias de igualdade de nascimento e de direitos pregadas pelo Cristianismo e pelo Islã, e defendidas por nossas jurisdições modernas, combatem qualquer veleidade de se manter as castas, vistas como uma aberração e uma alienação. Assim, é necessário um retorno às antigas fontes a fim de compreender essa herança que ainda perdura entre nós.

Textos antigos

DIODORE DE SICILE, *Bibliothèque historique II*, texto estabelecido e traduzido por B. Bommelaer, Paris, Les Belles Lettres, 1989.

DIODORE DE SICILE, *Bibliothèque historique III*, texto estabelecido e traduzido por B. Bommelaer, Paris, Les Belles Lettres, 1989.

HÉRODOTE, *Histoires II*, texto estabelecido e traduzido por Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1989.

Referências bibliográficas

DIOP, Abdoulaye Bara. *La société wolof, tradition et changement, les systèmes d'inégalité et de domination*, éditions Karthala, 19.

DIOP, Babacar dit Buuba. *Propos d'un Africain sur l'Antiquité*, Dakar, Presses Universitaires de Dakar, 2014.

DIOP, Cheikh Anta. *L'Afrique noire précoloniale*, Paris, Présence Africaine, 1960.

DIOP, Majhemout, *Histoire des classes sociales dans l'Afrique de l'ouest, tome I : Le Mali*, Paris, éditions l'Harmattan, 1985.

DUMONT, Louis, *Homo hierarchicus, Essai sur le système des castes*, Paris, Gallimard, 1966.

HOLDER, Gilles. Tal Tamari, *Les castes de l'Afrique occidentale. Artisans et musiciens endogames*. In : « L'Homme », tome 39 n°152, 1999.

OBENGA, Théophile. *La philosophie africaine de la période pharaonique 2780-330 avant notre ère*, Paris, L'Harmattan, 1990.

RAFFENEL, Anne. *Voyage dans l'Afrique occidentale en 1843 et 1844*, Paris, Bestrade, 1846.